

As Mulheres, a Linhagem e a Magia no Mabinogion: Um Pólo de Alianças

Profa. Dra. Mônica Amim

Assessora Acadêmica do Centro de Estudos
Afrânio Coutinho da Fac. de Letras da UFRJ
mamim@terra.com.br

Resumo

Neste trabalho apresentaremos um breve panorama da representação da figura feminina nas narrativas do *Mabinogion*. Podemos verificar por meio dos diferentes episódios que, vistos como um todo, os textos do *Mabinogion* apresentam visões contraditórias do *status* das mulheres nas sociedades celtas. Provavelmente tal se deva à mescla de grupos celtas com as populações autóctones dos territórios que conquistaram. Essa mescla de culturas propiciou a assimilação de sistemas e estruturas (inclusive do ponto de vista legal) que, por sua vez, possibilitaram às mulheres celtas condições melhores (de igualdade e liberdade) que as das mulheres de outros grupos – principalmente se pensarmos nos povos com forte influência das leis romanas. Casadas ou não, as mulheres celtas podiam exercer várias funções, inclusive religiosas, valendo destacar seu importante papel na educação dos jovens guerreiros como mestras de armas, das artes, da magia e como iniciadoras sexuais. Nesse sentido, este breve panorama nos permitirá propor algumas reflexões sobre o papel das mulheres nas sociedades celtas.

Palavras-chave: *Mabinogion*, Literatura Celta, Mulheres

Abstract

This paper presents an overview of female's representation in the narratives of the *Mabinogion*. The different tales, taken as a whole, present us contradictory pictures of the female's status in the Celtic societies. These contradictions are probably due to the mix of Celtic groups to the people of the lands they conquered. The Celtic women, married or single, could play different functions including religious ones. Besides that, we should point out their important role as masters of weapons, of arts, of magic and as sexual initiators. This way, in this brief study we will try to discuss some aspects of the female's role in the Celtic societies.

Keywords: *Mabinogion*, Celtic Literature, Women

Devido a vários movimentos migratórios, os povos celtas (entre o século V a.C. e o século V d.C.) se espalharam por diversos territórios do mundo então conhecido, tendo assim dominado várias regiões e muitos outros povos. Essa constante integração com outros povos pode ser um dos motivos para algumas diferenças importantes entre as estruturas das civilizações de origem celta e as de outros povos indo-europeus. Essas diferenças se refletem na organização sócio-política, nas estruturas familiares e nas instituições jurídicas. Porém, para nós, seu reflexo mais forte pode ser notado sobremaneira nos códigos de conduta e costume, estejam esses expressos ou não em leis, e na posição da mulher nas sociedades celtas. No caso específico do País de Gales, a **Lei de Howell** – ainda preservada em um manuscrito do século XII – nos fornece um bom material para reflexão sobre a situação das mulheres naquela sociedade.

Notamos que há um diferencial importante entre as sociedades celtas e as outras de origem indo-européia: o conjunto de normas relativas ao casamento. As mulheres eram livres para escolherem seus maridos e as famílias não podiam casá-las contra sua vontade, sendo necessário, porém, haver acordância entre as famílias dos futuros cônjuges. Cada indivíduo levava seus bens pessoais para o casamento, sendo que o pai da mulher (e na falta desse o irmão) recebia um tipo de dote e a própria mulher recebia, na ocasião, presentes de família (*Tinnsera*). Após o casamento, a mulher continuava a ter bens próprios e não perdia sua origem familiar, isto é, não entrava para a família do marido. Devido a esta independência financeira das partes, em caso de separação ou morte de um dos cônjuges, uma parte nada herdava da outra, levando consigo apenas o que trouxera para o casamento e dividindo entre si, ou com a família do morto, o montante adquirido após a união.

Nos textos do *Mabinogion* alguns episódios que envolvem o casamento merecem destaque. Em primeiro lugar notamos que o casamento não se realiza através de nenhuma cerimônia especial. Feito o acordo, há sim grandes festas e banquetes (que geralmente duram vários dias) após os quais os noivos simplesmente se retiram e passam a dormir juntos. Verificamos esse procedimento na união entre Pwyll e Rhiannon (*Pwyll, o príncipe de Dyfed*, p.41), entre Branwen e Matholwch, o rei da Irlanda (*Branwen, a filha de Llŷr*, p.55), e entre Gereint e Enid (*Gereint, o filho de Erbin*, p.355)¹. Parece-nos então que a importância do casamento não está relacionada ao aspecto religioso. A importância do casamento está relacionada às alianças políticas entre as diferentes famílias e clãs. Assim, o casamento constitui a aliança entre duas linhagens: a do pai da esposa e a do seu marido. A mulher passa então de uma linhagem à outra, dando filhos à linhagem do marido. Ao contrário do homem, ela está presa a duas linhagens, e deve zelar para não lesar nenhuma delas, dando filhos ao marido e honrando o nome do pai. Por isso, muitas vezes quando viúva ela é cobiçada pela antiga linhagem (a do pai); quando órfã solteira é alvo da cobiça dos cavaleiros sem herança.

Concluimos então ser o casamento apenas um contrato sem caráter sagrado ou obrigatório: rompida umas das cláusulas, rompia-se o casamento. Isso talvez explique a grande ocorrência de divórcios, já que para os celtas o divórcio não tinha a idéia de repúdio, como em outras sociedades. Assim, o marido que quisesse o divórcio, sem motivos justificados, deveria pagar uma recompensa à esposa, e esta, em caso semelhante, perdia o direito à parte conjunta dos bens.

Verifica-se ainda a sucessão matrilinear e, em vários textos, inclusive literários, a adoção do nome da mãe pelos filhos, fatos dos quais deriva o direito avuncular, pelo qual o filho herdava do tio materno - em total igualdade com os próprios filhos deste – não só os bens como também o direito à sucessão real. As relações entre tios e sobrinhos também são retratadas no *Mabinogion*, mais especificamente as relações entre

Math, Gwydion e Lle Llaw – em *Math, o filho de Llŷr* –, e entre Paredur e seu tio (não nomeado na estória) dono do castelo no qual ele testemunha o cortejo do Graal.

Para uma melhor compreensão do papel da mulher nas diversas sociedades, torna-se necessária uma discussão mais aprofundada da relação entre homens e mulheres e da comprovada influência em cadeia desta relação no casal, na família e, por conseguinte, na sociedade. Observamos que as mudanças ocorridas através dos tempos nas estruturas político-jurídicas são, via de regra, superficiais, dado que é importante mudar, primeiro, a estrutura mental (mentalidade) transmitida de geração para geração.

A sociedade é o modo operacional lógico e necessário onde vivem os homens, já que a sociabilidade é um dos fatores componentes da humanidade, sendo esse modo operacional baseado em convenções e postulados fundamentais. A partir do Neolítico, o desenvolvimento de técnicas para o aumento da produção agrícola, como a irrigação e a charrua, traduzia as tentativas do homem de dominar a natureza. Na divisão de tarefas então surgida coube ao homem as atividades consideradas mais perigosas e nobres – que eram exercidas fora de casa; à mulher destinaram-se as tarefas tidas por menos nobres e perigosas – como cuidar dos filhos e da casa. O motivo usualmente alegado para tal divisão é a força física, que constitui uma falácia facilmente constatada se lembrarmos das tarefas pesadas exercidas na agricultura pelas mulheres, ainda hoje, em várias sociedades.

Dessa forma, o homem apropriou-se, então, da agricultura por ser supostamente superior à mulher fisicamente, acarretando o desprestígio desta no campo social. Essa desigualdade, advinda da divisão do trabalho, tornou-se um postulado fundamental e foi sendo paulatinamente introjetada nas estruturas mentais, tendo na educação das crianças um dos veículos fundamentais para a sua difusão. Os avanços técnicos, e o conseqüente progresso material e econômico, criaram um tipo de sociedade baseada no rendimento, que encara a mulher como aquela que diminui o rendimento já que desvia a energia produtiva masculina para a sexualidade. Essa idéia encontra-se representada em *Gereint, o filho de Erbin*. A narrativa nos mostra o desinteresse do personagem pelas suas habituais atividades após o casamento, o que logo foi motivo de comentários desabonadores:

(...) Dedicou-se ao amor pela sua mulher e à paz na sua corte, à música e aos folguedos; e muito tempo passava em sua casa. E foi assim que a sua preferência passou a ser o recolher-se na sua câmara com a sua mulher e nada lhe dava mais prazer que o tempo assim passado. E foi também assim que perdeu o coração dos nobres, o gosto pela caça e por outras distrações; e perdeu o coração da gente da sua corte e, por entre todos, murmúrios começaram a correr e, muito em segredo, se sussurravam chacotas e zombarias. E tudo isso acontecia porque mui aberta e completamente ele abandonava a sua gente e trocava a sua companhia pelo amor de uma mulher. (*Mabinogion*: 362-363).

Essa visão negativa do feminino, relacionada também ao pecado em algumas sociedades (como a judaico-romano-cristã), colocou a mulher fora do sistema produtivo como mera reprodutora e impingiu-lhe tarefas que, de alguma forma, lhe restringiam a liberdade. Ainda hoje à maior parte das mulheres que exercem atividades remuneradas fora de casa é imputada, apesar da dita emancipação feminina, uma culpa e/ou uma dupla jornada de trabalho. A origem destes problemas reside numa “moral masculina” dominante a partir de Moisés e existente, de alguma maneira, em todas as religiões, principalmente nas de influência judaico-romano-cristã.

Ao ser primitivo eram apresentadas três necessidades fundamentais: a alimentação, a proteção e a procriação. Nas sociedades mais primitivas, que julgavam

que só a mulher tinha poder sobre a procriação, ela era vista como um ser mágico que se relacionava com as divindades. Em tais sociedades havia então uma maior importância do feminino no plano social. Verificamos aí a ocorrência de cultos à Deusa, ou divindade com características femininas, notadamente o culto à Deusa-Mãe, responsável também pela nutrição (e sua conseqüente relação com a terra). Vendo a terra como aquela que, além de dar vida, acolhe também o defunto, várias sociedades atribuem às mulheres a responsabilidade pelos funerais, numa clara alusão à idéia de ressurreição ligada ao ciclo de morrer e brotar das plantas e vegetais (D'Eubonne 1977: 29-40).

Nesse sentido, a importância da procriação é tema presente nas narrativas do *Mabinogion*. Devemos aqui ter em mente que não dar filhos ao marido (mostrar-se incapaz de procriar, de dar continuidade à linhagem) era motivo mais que suficiente para ele divorciar-se. Em *Pwyll*, há grande preocupação, por parte dos que cercam o protagonista, pelo fato de após algum tempo de casamento Rhiannon ainda não ter dado filhos ao príncipe:

E ao terceiro ano os nobres da terra começaram a sentir grande pesar por verem que um homem a quem tanto amavam, e que para mais era seu senhor e seu irmão de leite, era um homem sem herdeiro. (...) E eles disseram:

- Senhor! Nós bem sabemos que não és moço como muitos dos homens de essa terra, e estamos receosos de que não possas haver herdeiro da mulher que tomaste. Toma pois outra mulher de quem possas haver herdeiros. Não viverás para sempre e um dia terás de nos deixar e ainda que quisesses permanecer como estás, nós nunca o haveríamos de consentir

- Na verdade – disse Pwyll – não há ainda um longo tempo que eu e ela estamos juntos, e muitas coisas podem acontecer. Concedei-me um ano a contar do dia de hoje. Por todo esse ano eu e ela viveremos sempre juntos; e depois farei de acordo com o que for do vosso desejo. (*Mabinogion*: 42).

Após o nascimento da criança, vimos que – acusada de devorar o filho – Rhiannon foi punida, já que seu suposto crime (além de horrendo) colocava em risco a continuidade da linhagem. Realmente a possibilidade de perder a prole era ameaça grave. Em *Culhwch e Olwen*, o protagonista ameaça com esta possibilidade o porteiro do castelo de Artur, que insiste em não deixá-lo entrar devido ao adiantado da hora:

- (...) Mas, se não abrires, farei que sobre o teu senhor caia a desgraça e a vergonha, e de ti para sempre se há de falar com desdém e desprezo. E ao pé de esta porta, três brados hei de soltar; e serão de tal sorte que se hão de ouvir, como os mais terríveis que jamais se ouviram, (...) . E todas as mulheres prenas que nesta corte estiverem, nesse mesmo instante hão de perder os seus meninos; e aquelas que não levarem filho sofrerão tal aflição, que de este dia em diante para sempre há de durar e jamais o seu ventre dará fruto. (*Mabinogion*: 154).

Principalmente nas narrativas d'*Os Quatro Ramos*, o casamento e a linhagem são fatores que se destacam. Tanto é que Victoria Cirlot aponta dois temas principais nesse primeiro grupo: as relações de parentesco e alianças matrimoniais e a atividade guerreira. Sendo assim, percebemos que os quatro relatos se encontram sutilmente entrelaçados por matrimônios que unem as diferentes casas (Cirlot 1988: xi). Justamente por tudo isso, a negação da maternidade é caso grave, e traz conseqüências para todos. É o que percebemos na complexa narrativa *Math, o filho de Mathonwy*, quando Aranrod (sobrinha de Math e filha de Don) recusa-se a reconhecer o filho que teve (possivelmente de uma relação com seu irmão Gwydion). Ela lança então sobre a criança uma tríplice maldição: ele só terá nome se for dado por ela; ele nunca terá

armas, a não ser que sejam fornecidas por ela; e finalmente ele não terá jamais uma esposa da raça humana. As conseqüências, no plano social, são muitas. Sem a mãe a criança não tem qualquer existência legal, equivale ao nada, pois só a intervenção da mãe pode fazer da criança um membro da comunidade (Markale 1976: 22). Não é então sem motivo que Gwydion (o tio) utiliza seus poderes mágicos para iludir a irmã em dois momentos diferentes, e consegue que ela dê nome e armas ao rapaz. Isso mostra a relevância da mãe no sistema social retratado pela estória. Gwydion ainda luta pelo fim da terceira maldição, e – juntamente com Math – conjura uma mulher com flores e vegetais para ser a esposa de Llew (nome dado ao rapaz), ela se chamará Blodeuwedd (nascida das flores).

Todavia, Blodeuwedd tenta escapar à autoridade masculina. Trai o marido, manda matá-lo e foge com o amante. Evidentemente, fracassa, já que Gwydion – com seus poderes – dedica todo o restante da narrativa a vingar-se de sua criação rebelada. Consegue fazer o sobrinho Llew renascer e matar o amante da mulher e, para vingar-se de Blodeuwedd, transforma-a em coruja. A interpretação de Jean Markale para esse episódio do quarto ramo merece atenção:

Mas Blodeuwedd é uma criatura de Gwyddion, é produto de seu pensamento. Portanto, ele não pode destruí-la sem se destruir a si mesmo. Na verdade, sua criação lhe escapou. A revolta da Moça-Flor é uma afronta intolerável à autoridade masculina, e Gwyddion deve castigar a culpada. Então, não podendo fazê-la desaparecer completamente, ele a transforma em coruja e a relega à noite.

Simbolicamente, essa vingança masculina consiste em *ocultar* a mulher, a escondê-la na escuridão, com tudo que isto comporta de culpabilidade e rejeição.

A lenda de Blodeuwedd, a Moça-Flor que esperou escapar à autoridade paterna, que se recusou a ser mulher objeto, que pretendeu ter direito à liberdade e à livre escolha consentida do homem amado, esta lenda termina em fracasso. (Markale 1976: 31)

Esse episódio é bastante significativo no tocante às reflexões que estamos tentando desenvolver aqui sobre as relações entre homens e mulheres, especialmente nas sociedades celtas, e nos remete ao estabelecimento do patriarcado. Ao se dar conta de sua função na procriação, como fecundador da mulher – e por extensão da própria terra (apropriação da agricultura) – o homem assume de vez uma posição de superioridade em relação à mulher, observando-se então no plano místico-religioso o aparecimento do Deus-Esposo. Podemos, a partir daí, falar em sociedades de tendências patriarcais ou matriarcais. Como sempre as mudanças podem ser sentidas através do mitológico com a transformação da Mulher Sol (principal e irradiadora) em Mulher Lua (aquela que apenas reflete, secundária), caso típico de Eva e Lilith. Assim, dessa nova estrutura mental deriva uma nova ordem que deve ser mantida a qualquer custo, tal como o fizeram os romanos e a Igreja. Aí está a razão pela qual o Druidismo ameaçava o Estado Romano e a Igreja, sua herdeira, visto que os valores druídicos celtas não eram do tipo paternalista ideal e colocavam em risco as instituições temporais destes, devendo portanto ser combatidos energicamente, como aliás o foram. Algo porém deve ficar claro: as sociedades celtas, como todas de origem indo-européia, eram patriarcais.

Assim, em várias passagens do *Mabinogion* esse patriarcado se revelará de maneira inequívoca. Além disso, não devemos esquecer que, quando da redação dos textos (séculos XIII e XIV), as influências do Cristianismo e do contato mais estreito com os povos do continente já há muito se faziam sentir no País de Gales. Nesse

sentido, nos parece bastante significativa a descrição que dá início à primeira narrativa do terceiro grupo, *A dama da fonte*:

Achava-se o Imperador Artur em Caer Lion, em riba do Wysc. Um dia estava assentado em sua câmara e em sua companhia achavam-se Owein, o filho de Urien, e Kynon, o filho de Clydno, e Cai, o filho de Kynyr, e Gwenhwyvar e suas donzelas fazendo trabalhos de costura junto à janela. (*Mabinogion*: 233).

Essa divisão do espaço físico, descrita acima – de um lado os cavaleiros de Artur e do outro as damas de Gwenhwyvar –, nos parece bastante simbólica. De um lado o masculino – o mundo da espada – e do outro o feminino – o mundo da roca. Essa divisão se encontra também representada na evocação que Culhwch faz do nome dos guerreiros e das damas ilustres ao chegar ao castelo de Artur e saudá-lo (*Mabinogion*: 157-166). Em sua evocação, Culhwch destaca sempre a valentia e as características maravilhosas dos homens e a beleza incomparável das mulheres. Além disso, devemos lembrar que o que desencadeia toda a ação de *Culhwch e Olwen* é o amor súbito do protagonista por Olwen. Este amor súbito é explicado apenas pela jura que a madrastra de Culhwch lança sobre ele, já que até aquele momento ele não havia sequer escutado o nome da dama. Temos, então, um exemplo claro de amor idealizado, por uma donzela também idealizada e desconhecida:

- O teu destino eu sei! E juro que é este: não hás de sentir corpo de mulher encostado ao teu até que hajas conquistado Olwen, a filha de Yspaddaden Penkawr.

As cores alastraram nas faces do mancebo e o amor pela donzela invadiu todos os seus membros, embora jamais a houvesse visto. (...). (*Mabinogion*: 151).

Embora amada e idealizada em alguns episódios, em outros percebemos uma gradual desvalorização da mulher. Em *Gereint, o filho de Erbin*, fica claro que uma dama agredida seriamente não vale a vida de um cavaleiro. É o que Artur diz a Gwenhwyvar quando devem decidir sobre a punição a ser dada ao cavaleiro agressor:

- A melhor justiça nesse assunto – disse Artur – é consentir que este homem sare primeiro as suas feridas e sabermos se vive ou não vive. E, se viver, que sejam os nobres da corte a decidir; e tu cuidarás que assim seja feito e serás a garantia de que assim será. Mas, se morrer, a morte de um jovem de tanta excelência como Edern será expiação demasiado alta para um ultraje feito a uma donzela. (*Mabinogion*: 353).

A agressão física também é aplicada como castigo para as mulheres. É o que aconteceu com Branwen, no segundo ramo, após casar com Matholwch, rei da Irlanda para selar a aliança entre irlandeses e galeses. Após já estar casada há dois anos, e seu marido ter sido regiamente recompensado pelas possíveis ofensas que teria sofrido em solo galês, aqueles que acompanham o rei decidem que ela deve ser punida e humilhada pelo que aconteceu antes do casamento:

(...) E a vingança que eles tomaram foi banir Branwen da mesma câmara aonde com ele dormia e pô-la a cozinhar para toda a corte; e mandaram também que o marchante, depois de haver talhado a carne do dia, se chegasse a ela e lhe assestasse um sopapo nas orelhas, sem falhar um só dia. E foi esta a punição que lhe impuseram. (*Mabinogion*: 62).

Enid, em *Gereint*, também é agredida por um conde, já que recusa todas as ofertas que ele lhe faz, preferindo aguardar o restabelecimento de Gereint, que estava quase morto:

- Na verdade bem vejo – disse ele – que tanto tenho a ganhar em ser cortês e gentil para contigo como em tratar-te com descortesia e falta de gentileza. E deu-lhe um sopapo na orelha; e ela soltou um grito mui agudo e penetrante. E continuou com grandes e lancinantes lamentações; e a sua dor era tanto maior quanto mais pensava que, se Gereint estivesse vivo, nunca ninguém lhe haveria dado um sopapo na orelha. (*Mabinogion*: 389).

Nesta mesma narrativa Gereint, por um equívoco, pensa estar Enid apaixonada por outro. Decide então sair em viagem com a esposa para humilhá-la, mantendo sempre uma boa distância entre os dois e proibindo-a de falar:

(...) Depois deu ordem a Enid para se amontar no seu cavalo e disse-lhe para seguir adiante e guardar sempre uma boa distância à sua frente.
- E por mais que vejas e por muito que ouças a meu respeito – disse ele – não tornes atrás sobre os teus passos. E a menos que seja eu a falar-te, também não quero que digas sequer uma só palavra. (*Mabinogion*: 364-365).

Enid porém não o obedece, e justamente porque não se cala ela sempre o salva, em diferentes situações durante o percurso, demonstrando, assim, que é preciso falar, usar a palavra, pois ela é redentora. Verificamos, então, que mesmo desprestigiadas em alguns momentos, em outros a importância das mulheres é retratada nos textos.

Mais adiante, em outra situação, é dito a Gereint que para participar do Torneio do Gavião o cavaleiro deve estar acompanhado pela dama que mais ama:

(...) E cada homem há de fazer-se acompanhar pela dama que neste mundo ele mais ama; e se não estiver acompanhado por esta dama, que é a senhora do seu amor, não lhe será consentida a participação no torneio. (...) (*Mabinogion*: 343).

Percebemos nesses dois últimos episódios destacados a influência da literatura continental e do romance cortês. Ainda com relação aos *Três Romances*, lembramos que em *Paredur* a Senhora das Proezas possui uma mesnada de guerra composta por trezentos homens (*Mabinogion*: 308-309).

Podemos verificar por meio dos diferentes episódios que, vistos como um todo, os textos do *Mabinogion* apresentam visões contraditórias do *status* das mulheres nas sociedades celtas. Provavelmente tal se deva à mescla de grupos celtas com as populações autóctones dos territórios que conquistaram (como já discutimos anteriormente). Essa mescla de culturas propiciou a assimilação de sistemas e estruturas (inclusive do ponto de vista legal) que, por sua vez, possibilitaram às mulheres celtas condições melhores (de igualdade e liberdade) que as das mulheres de outros grupos – principalmente se pensarmos nos povos com forte influência das leis romanas. Teríamos, ainda assim, uma sociedade de tendências patriarcais, porém mais flexível.

Enfim, casadas ou não, as mulheres celtas podiam exercer várias funções, inclusive religiosas, valendo destacar seu importante papel na educação dos jovens guerreiros como mestras de armas, das artes, da magia e como iniciadoras sexuais. *Paredur*, o filho de *Efrawg* é, nesse sentido, uma narrativa bem interessante. Apesar das influências normandas e do romance cortês, alguns episódios relatam a possibilidade de as mulheres desempenharem diferentes funções. Inicialmente temos a mãe do protagonista – embora ela não quisesse que ele tomasse armas – ditando a ele as regras

de conduta e cortesia antes de sua partida para a corte de Artur (p.273-274). Posteriormente, serão as bruxas de Caer Loyw (Gloucester) – as quais ele está predestinado a matar como veremos ao final – as responsáveis pelo treinamento de Paredur como cavaleiro:

- Com sabes tu, feiticeira, que eu sou Paredur?
- Estava escrito e destinado que pelas tuas mãos eu haveria de sofrer dores e aflições e haverias de tomar o meu cavalo e as minhas armas. E também está escrito que comigo hás de permanecer para que te seja ensinado a montar o teu cavalo e a manejar as tuas armas.
(...)
Paredur ouviu e guardou o seu juramento e, na companhia da bruxa e com o consentimento da condessa, abalou para o Palácio das Bruxas. Ali se demorou três semanas e, ao cabo de esse tempo, escolheu armas e cavalo e seguiu o seu caminho. (*Mabinogion*: 294).

Devemos ainda frisar a forte relação das mulheres com a magia, sejam estas retratadas como feiticeiras ou não. Ainda em *Paredur*, é uma dama que dá ao herói a pedra que o tornará invisível para matar o Addanc do Lago (*Mabinogion*: 310), como já mencionamos anteriormente. Do mesmo modo, em *A dama da fonte* (*Mabinogion*: 245) é uma donzela loira que dá a Owein um anel que também torna o herói invisível (também já discutido anteriormente). Esta recorrência de personagens femininas, na maioria das vezes não nomeadas, relacionadas a acontecimentos ou objetos mágicos, é um elemento comum nas histórias galesas e irlandesas. Em um grande número de narrativas as mulheres têm a função de lidar com os feitos mágicos, já que na maioria das vezes tal função é uma especialidade feminina.

Para finalizar, pensamos que a mitologia celta nos ajuda a esclarecer muitas das questões aqui levantadas. Considerando que o mito nos transmite, simbolicamente, realidades passadas (e que, ao transcender essas realidades, expressa as estruturas ideais do pensamento de um povo), será também pela mitologia – e não somente através de dados históricos concretos – que chegaremos ao cerne do pensamento de um povo. Esse é o caso dos povos celtas, pois eles não narraram simplesmente a sua história: sonharam-na, sobretudo. Assim, sua mitologia, devidamente dela descartadas as deturpações introduzidas pela cristianização dos textos, é um elemento bastante esclarecedor de seu pensamento. O mito só resiste se é fecundo, caso contrário é esquecido, visto que constitui uma realidade do pensamento.

Não pretendemos agora aprofundar a questão mitológica, porém vemos que, de forma generalizada, as transformações econômicas e sociais então ocorridas influenciaram as estruturas mentais, que traduziam no mitológico a progressiva secundarização do papel da mulher no social. Recuperando rapidamente esta progressão, temos a transformação da Mulher Sol em Mulher Lua e dos aspectos positivos em negativos e a substituição da Deusa Mãe/Deusa Terra, que tudo dá, pela Mãe de Deus/Terra Fecundada, secundarizando assim suas funções, como bem nos mostra o exemplo da Virgem Maria dado pela Igreja, modelo de submissão a ser seguido. Lembramos, porém, que todas as religiões apresentam deusas e que estas, apesar das deturpações e progressivo desprestígio, são – como figuras mitológicas – reveladoras da mulher, pois relacionam-se à posição por ela ocupada nas antigas sociedades primitivas. Concluimos, então, que as sociedades celtas – onde a sobrevivência de certos arcaísmos adquiridos das populações autóctones conferia às mulheres um *status* considerável – estão no meio termo entre estas sociedades primitivas e as de formação judaico-romano-cristã.

BIBLIOGRAFIA

- CIRLOT, Victoria. Prologo. In: *MABINOGION*. Traducción y Prólogo: Victoria Cirlot. Madrid, Ed. Siruela, 1988.
- D'EUABONNE, Françoise. *As mulheres antes do patriarcado*. Trad: Manuel Campos e Alexandra de Freitas. Lisboa: Ed. Vega, 1977.
- MABINOGION*. Tradução e Introdução: José Domingos Morais. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.
- MARKALE, Jean. As três faces da mulher celta. In: *Correio da Unesco*. A.IV, nº 2, fev. 1976, 50p.

NOTA

¹ Todas as referências e citações ao texto do *Mabinogion* foram retiradas da seguinte edição: *MABINOGION*. Tradução e Introdução: José Domingos Morais. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.